

# “Masculinidade na História:

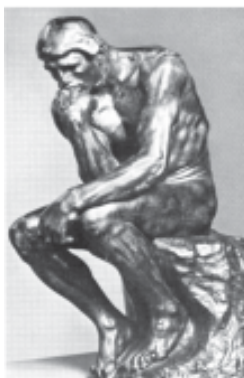
## A Construção Cultural da Diferença entre os Sexos”<sup>1</sup>

**Resumo:** Nos últimos anos, a discussão em torno da identidade do homem contemporâneo sugere que há uma verdadeira crise da masculinidade. Assim, procurando seguir o fio condutor através da vertente histórica da sexualidade, objetivamos neste trabalho verificar como o conceito de sexualidade e gênero perpassaram a construção cultural da diferença entre os sexos, e quais implicações teve para a chamada “crise da identidade masculina” contemporânea.

**Palavras-Chave:** masculinidade, história da sexualidade, gênero

**Abstract:** In the last years, the discussion on contemporary man identity suggests a real crisis of the masculinity. Thus, through the history of sexuality resources, we aim in this work to verify how the cultural construction of the difference between sexes built the sexuality and gender concept, and which implications had for contemporary “crisis of male identity”.

**Key words:** masculinity, history of sexuality, gender



**Sergio Gomes da Silva**

*Psicólogo graduado pela UFPB. Especialista em Sexualidade Humana, pelo Centro de Educação, UFPB.*



Nos últimos anos, o debate em torno da identidade masculina tem apontado para uma verdadeira crise da masculinidade do homem contemporâneo. O homem estaria sendo colocado em “xeque” porque estaria perdendo a noção de sua própria identidade, passando a buscar uma melhor descrição de si. Este fato, conjuraria um certo mal-estar<sup>2</sup> semelhante àquele provocado pelo estado de decadência masculina no final do século passado, conforme descreve Badinter (1993), Schowalter (1993)

e Ceccarelli (1997). Hoje, assim como ontem, a discussão em torno da diferença entre os sexos conformaria um das características da crise da masculinidade a que nos referimos.<sup>3</sup>

Porém, esta discussão não é tão recente assim. Podemos encontrar ecos dela desde o período vitoriano, conforme atestam os trabalhos de Foucault (1986), Costa (1995), Gay (1995), Almeida (1995), Badinter (1986, 1993), Spencer (1996), Birman (1997), entre outros.

Da teoria do monismo e dualismo sexual, passando pelo culto à masculinidade e finalmente chegando aos movimentos de minorias sociais da década de 60 até hoje, tornou-se comum questionar as diferenças entre homens e mulheres, baseando em uma hegemonia sexista e de gênero.<sup>4</sup>

Vejam, então, como o conceito de sexualidade e principalmente de gênero perpassaram a construção cultural da diferença entre os sexos, e quais implicações esta teve para a chamada "crise da identidade masculina" contemporânea.

## A diferença Entre os Sexos

Até o século XVIII, não era possível encontrar um modelo de sexualidade humana conforme entendemos hoje. Foucault (1986) vai ressaltar que o próprio termo **sexualidade** é um termo surgido no século XIX, portanto pertencente às sociedades modernas e pós-modernas.

Sem possuir um vocabulário que desse conta da sexualidade de homens e mulheres, o que vai se estabelecer são normas da diferença sexual entre ambos. A concepção dominante até então era a do *one-sex-model* ou monismo sexual. "No *one-sex-model*, que dominou o pensamento anatômico por dois milênios, a mulher era entendida como sendo um homem invertido. O útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis" (Laqueur, 1989, citado por Costa, 1995, p. 100).

O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fálica<sup>5</sup>, distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina respectivamente. Concebida como um homem invertido e inferior, a mulher será um sujeito "menos desenvolvido" na escala da perfeição metafísica.<sup>6</sup>

Na tentativa de manter e estabelecer as diferenças entre os sexos, outras teorias também serão construídas, conforme apontam os achados de Costa (1995), Badinter (1996) e

Almeida (1996). Porém, a narrativa mantém a diferença inferior da natureza anátomo-fisiológica da mulher.

Com o modelo de perfeição do corpo do macho, todas as outras características dependerão dessa forma. A relação entre reprodução, sexo e orgasmo todas serão seguidas conforme o modelo masculino.

Foi apenas na passagem do século XVIII para o século XIX que as sensíveis mudanças passariam a ocorrer, como a queda do conceito de unicidade e perfeição do corpo masculino para o *two-sex-model* (Birman, 1997; Costa, 1995; Badinter, 1993; Almeida, 1995).

Se a diferença entre os gêneros anteriormente voltava-se para a relação anátomo-fisiológica, com o *two-sex-model*, "o sexo político-ideológico vai ordenar a oposição e a descontinuidade sexuais do corpo" (...) justificando e impondo "diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa, capitalista, individualista, nacionalista, imperialista e colonialista implantada nos países europeus" (Costa, 1995, p. 110-111).

De homem invertido, a mulher passa a ser o inverso do homem, ou, sua forma complementar. Apesar disso, as conseqüências morais dela advinda, manteriam ainda a inferioridade da mulher no conflito entre as esferas pública e privada, no conceito neoplatônico científico e religioso do mundo e na importância da nova ordem político-econômica do novo estado burguês (Costa, 1995).

Parker (1991) enfatiza este pensamento, ao reconhecer que "as atividades do homem eram dirigidas para o mundo social mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família, enquanto os de sua mulher eram rigidamente restringidos, limitavam-se ao mundo doméstico da própria família" (p. 59).

Por outro lado, a bissexualização originária dos sexos também ressaltou o domínio masculino

*1-Este artigo é uma ligeira modificação do terceiro capítulo do meu trabalho de Pós-Graduação Lato Sensu (Especialização em Sexualidade Humana), pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, 1998.*

*2-O sentido que damos para o mal-estar é semelhante àquele referido por Freud (1930[1929]), na forma conferida Figueiredo (1998), ou seja, "um estado crônico mas tolerável de desprazer, intrínseco à constituição do psiquismo e uma condição básica para a procura pelo homem das felicidades possíveis" (p. 01). O estado de desprazer, de insatisfação psíquica é o que guiará, no nosso entendimento, a atual crise da masculinidade. Falsa, e muito, do verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, talvez, como resultado de sua inserção na cultura a qual pertence, onde, por conseguinte, precisa moldar-se (sustentando ou criticando, aderindo ou rejeitando, se integrando ou se afastando, obedecendo ou resistindo) às regras impostas pela cultura e definidas como normas, conformando características, comportamentos e papéis que não necessariamente sejam aqueles que condizem com aquilo que ele almeja para si enquanto traços identificados.*

3- Para uma melhor compreensão da crise da masculinidade, veja Dorais (1994a, 1994b), Nolasco (1995a, 1995b) e Badinter (1993).

4 - O emprego do termo *hegemonia sexista*, refere-se, assim, à identidade sexual, conforme aprendemos a descrevê-la, ou seja, hetero, homo ou bissexual, apesar de haver, nos dias atuais, uma certa pluralidade de identidades sexuais como o(a) transexual, o travestismo e até mesmo o drag-queen e a drag-king, figurariam como identidades sexuais possíveis. O emprego do termo *hegemonia do gênero*, refere-se a própria identidade de gênero, conforme aprendemos a defini-la. Entendemos identidade de gênero como o conjunto de traços construídos na esfera social e cultural por uma dada sociedade, que definem consequentemente, quais os gestos, os comportamentos, as atitudes, os modos de se vestir, falar e agir, de forma semelhante para homens e mulheres. As identidades de gênero tendem a estar em consonância com o sexo biológico do sujeito, porém, não são estruturas fixas, encerradas em si mesmas; pelo contrário, podem e estão continuamente se renovando, em ebulição e a cada momento podem ser novamente moldadas de outras formas. Elas também são impostas pelo processo de socialização, que impede construções singulares, moldando subjetividades comuns a todos os indivíduos. Apesar de não ser uma condição para a formação das identidades sexuais, elas estão intimamente ligadas a escolha afetiva e sexual do sujeito. Nós podemos encontrar sujeitos masculinos ou femininos (identidades de gênero), que não necessariamente pertencem ao seu sexo biológico, e que podem fazer uma escolha afetiva e sexual do sexo oposto ao seu. Um programa de televisão (SBT - Repórter - 1998) pode ilustrar nossos argumentos, ao mostrar um casal bastante incomum para os padrões normativos de nossa sociedade. O sujeito "biologicamente masculino" trata-se de um travesti (possuindo traços, atitudes e comportamentos femininos - portanto, do gênero feminino). O sujeito "biologicamente feminino" trata-se de uma homossexual feminina (lés-

sob o feminino, sobretudo referindo-se a inferioridade da mulher enquanto "fragilidade" do corpo (ossos e nervos) e posteriormente quanto ao prazer erótico. A mulher seria mais frágil, desprovida de calor vital e sofreria de menos privilégios que os homens. A nova concepção da mulher, portanto, havia mudado, porém, isto não implicaria na saída do patamar de inferioridade em que costumeiramente fora colocada. A mudança de concepção veio apenas reiterar a supremacia masculina, e não levar a mulher a um patamar de maior prestígio.



Com a chegada do século XIX o culto à masculinidade vai ser uma decorrência direta desta mudança da concepção biológica para a política, econômica e social, conforme afirmará Laqueur (1991, citado por Costa, 1995): "Primeiro veio a reprodução das desigualdades sociais e políticas entre homens e mulheres, justificada pela norma natural do sexo. Em seguida, o que era efeito tornou-se causa. A diferença dos sexos passou a fundar a diferença de gêneros masculino e feminino que, de fato, historicamente a antecederam. O sexo autonomizou-se e ganhou o estatuto de fato originário. Revolucionários, burgueses, filósofos, moralistas, socialistas, sufragistas e feministas, todos estavam de acordo em especificar as qualidades morais, intelectuais e sociais dos

humanos, partindo-se da diferença sexual entre homens e mulheres" (p. 128).

Seguidamente, a imagem de "homem invertido" da mulher vai se colar ao próprio homem, demarcando o estatuto de anormalidade frente as subjetividades sexuais masculinas. O homem agora passaria pela irremediável possibilidade de ser um "invertido sexual"<sup>7</sup>, e por consequência, passível de cura, já que a inversão era tida como "doença" na escala evolutiva humana<sup>8</sup>. Segundo Foucault (1986), "sexualidades periféricas provocam a incorporação das per-versões e nova especificação dos indivíduos (itálicos do autor) (...) O homossexual do século XIX torna-se um personagem (...) É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi categorizada menos como um tipo de relação sexual do que como uma certa qualidade de sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino" (p. 43).

A partir da inferioridade "social" e "política" da "fragilidade" do sexo dos "invertidos sexuais" e da mulher, a feminilidade passará a atormentar o imaginário social do homem burguês. Algo precisava ser feito para que esse estado de *decadência* não fosse tomado como norma social. A partir desse instante, dar-se-á o culto à masculinidade no século XIX.

## O Culto à Masculinidade

A discussão sobre gêneros perpassou o campo fisiológico e chegou aos ditames das regras e papéis sócio e culturalmente estabelecidos pela sociedade burguesa do século XIX.<sup>9</sup>

A Revolução Francesa primeiramente, que apregoava os ideais de *liberdade, igualdade e fraternidade*, e posteriormente a Revolução Industrial e as conseqüentes guerras mundiais que se sucederam, trouxeram uma desordem no papel do homem burguês, que tentava se reconstruir, fazendo com que se consolidasse uma masculinidade e uma virilidade hegemônica comum a todos os homens (Gay, 1995; Mosse, 1998; Badinter, 1993; Almeida, 1995).

Sob a ameaça de uma feminilidade inerente a alguns homens, decorrente do medo de tornarem-se homossexuais<sup>10</sup>, e diante da obrigatoriedade de por a prova o seu sexo forte, os homens tiveram que cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade, caracterizando também a primeira crise da identidade masculina.

Badinter (1993) pontuará a crise da identidade masculina, cujos ecos chegam até nós, através de países de civilização refinada, ou seja, "(...) onde as mulheres desfrutavam de uma liberdade maior que em outros lugares; exprimem a necessidade de mudança dos valores dominantes e são consecutivas a perturbações ideológicas, econômicas ou sociais. (...) Nos séculos XVII e XVIII, a crise só concerne às classes dominantes, ou seja, à aristocracia e a burguesia urbana" (p. 11). Dentro desta ótica, a Europa e os Estados Unidos aí estariam incluídos. Não é de admirar que o nascimento dos *gender's studies*<sup>11</sup>, tenham florescido justamente nesses países.<sup>12</sup>

Gay (1995) em seu *Cultivo do Ódio*, vai verificar uma estreita ligação entre a irracionalidade do ódio ao culto à masculinidade e ao seu respectivo contraste ... a feminilidade.

A preocupação com uma possível feminilização por parte de alguns homens, fizeram com que investissem e construíssem para si uma série de papéis e traços representativos da sua condição "masculina", de forma que descrevesse melhor o atual homem vitoriano, em contraste com o seu oposto, a mulher, e mais inadvertidamente, a seu inverso, o homossexual.

Da mesma forma como alguns homens costumam se descrever hoje, "**ser homem**" no século XIX significava "**não ser mulher**", e sobre todas as hipóteses jamais **ser homossexual**. A identidade sexual e de gênero do homem vitoriano, estava intrinsecamente ligada à representação do seu papel na sociedade. Os traços que os descreviam, voltavam-se para a forma de se vestir, a forma de andar, a maneira de se comportar, a

entonação de voz, etc., assim como também era ressaltado a forma física, a musculatura, os contornos do corpo masculino, a elegância, o vigor físico e a beleza, e por fim, as qualidades psicológicas do homem como a agilidade, a coragem, a distinção, a bravura, o heroísmo, conforme as descrições pontuadas por Gay (1995). A sociedade masculinista burguesa, dado essa premissa, construía, assim, a nova imagem de homem, e como consequência vieram as duras provas pelas quais o homem deveria enfrentar, como as lutas, como um dos "componentes do comportamento masculino".



Exemplos de personagens másculos ecoavam através da arte vitoriana, representada sobretudo na literatura, pintura e escultura da época. Nos círculos de amizade, ressaltavam-se com eloquência, quem representava o mais perfeito ideal de beleza masculina, bem como o ideal de virilidade.

bica) e comporta-se como um homem (possuindo traços, atitudes e comportamentos masculinos - portanto, do gênero masculino).

5 - É interessante notar que a psicanálise, herdeira do pensamento sexista do século XIX, vai se utilizar deste pensamento para construir sua teoria da sexualidade. Apesar de Freud destacar a importância da presença ou ausência do pênis no menino, ou o seu correspondente, o clitóris na menina, a anatomia não é a única condição necessária para a aquisição de uma masculinidade e de uma feminilidade, mas deve-se sublinhar sua importância, sobretudo na aquisição de uma identidade sexual em ambos os sexos, dado que, é a castração que introduz a menina no complexo de Édipo, e que o finda no menino. Remetemos o leitor a Freud nos seguintes textos: *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905); *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças* (1907); *A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade)* (1923); *A dissolução do complexo de Édipo* (1924); *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (1925); *Sexualidade Feminina* (1931); *Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise - Conferência XXXIII - Feminilidade* (1933[1932]). Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas.

6 - A semelhança do pênis na mulher, será dada pelos achados de Renaldus Colombo, em 1559, ao "descobrir" o clitóris na mulher, e compará-lo a um pênis menos desenvolvido. Este será também o princípio básico dos achados freudianos na distinção anatômica da diferença entre os sexos. Conforme Costa, 1995.

7 - Os "invertidos sexuais" era o nome dado ao que hoje denominamos homossexuais pela medicina oitocentista. As discussões de Costa (1992, 1995) nos dias atuais, tem contribuído para diminuição do "ideário preconceituoso" em relação ao homoerotismo.

8 - O escritor e teatrólogo inglês Oscar Wilde foi um bom exemplo desse período. Levado à julgamento pelo

crime de “perversão sexual”, por manter um relacionamento com um jovem, foi condenado a dois anos de prisão com trabalhos forçados por crime de pede-rastia e sodomia. A bem pouco tempo, a Inglaterra reconheceu seu erro, e bem mais recentemente, diminuiu de 18 para 16 anos a legalização das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

9 -Compreendemos papéis sociais como “padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar (...) através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é ser considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.” Conforme Louro, 1997, p. 24.

10 -Vale lembrar que a imagem do homossexual masculino na Europa oitocentista estava muito ligado à imagem feminina, dado que o “tipo homossexual” da época era afeminado, sendo possível, portanto, uma certa quantidade de feminilidade “atingir” os homens.

11 -Os men's e women's studies foram decorrentes do movimento feminista, como forma de compreender as diferenças entre homens e mulheres. Se por um lado, os women's studies passaram a procurar uma definição do papel feminino mais condizente com a sua importância na sociedade na segunda metade deste século, por outro, os men's studies passaram a rediscutir a masculinidade, procurando criar um papel masculino que melhor descrevesse o novo modelo que se redefinia na contemporaneidade.

12 -Diferentemente de Badinter, Veloso (1996) vai reportar-se a um trabalho comunitário desenvolvido numa cidade metropolitana do Nordeste do Brasil - Recife - nos dias atuais, junto a um grupo de homens de classe média baixa e baixa, sob sua coordenação. Estes homens reúnem-se para discutir o significado de “ser homem” na contemporaneidade, e dis-

Se a possibilidade de feminilização era malvista para os homens vitorianos, a masculinização também o era para as mulheres. Masculinidade e feminilidade, até certo ponto, eram cultuadas, ora mais para uns, ora mais para outros no século XIX. Homens e mulheres deveriam restringir-se ao seu papel social de acordo com a sua identidade biológica, de macho e fêmea, e por conseguinte, sua escolha afetiva e sexual deveria voltar-se para o sexo oposto ao seu. A norma desviante era totalmente repelida e punida. Segundo alguns autores tais como Showalter (1993), Mosse



(1998) e Badinter (1993), seriam estes os marcos que pontuaram o estado da **decadência masculina**, sobretudo após a noção de bissexualidade introduzida por Freud.

Por outro lado, Freud reforçou no imaginário social burguês, a idéia de uma atividade e uma passividade hegemônica no homem e na mulher (Gay, 1995), frente a sua sexualidade. Observamos isso na maioria dos seus trabalhos, que tratam da sexualidade dos adultos e das crianças.<sup>13</sup>

Enfim, com a noção de bissexualidade e com o crescente avanço dos movimentos feministas que já nesta época começavam a tomar forma, sobretudo na Europa, alguns autores (Nolasco,

1993, 1995; Badinter, 1986, 1993) concordam que isto traria como conseqüência, a crise da masculinidade.

“A busca das mulheres por igualdade e independência, especialmente forte na Inglaterra, representou o desafio mais efetivo à oposição social dos homens. Esse desafio incluía uma crítica da sexualidade masculina, centrada no duplo padrão de comportamento moral que se esperava de homens e mulheres” (Mosse, 1998, p. 293).

A redefinição da masculinidade fornecida pela **decadência** e representada pelos homossexuais, encontrava ancoradouro apenas nos padrões estereotipados de papéis sociais tão bem sublinhados por Gay (1995) e Mosse (1998), ao retomarem os valores sociais e culturais vigentes da época.

“O ideal masculino era um bastão erigido contra a decadência; representava em palavras, em pinturas e em pedra um ideal de virilidade casta, o qual penetrou profundamente na consciência burguesa.” E complementa: “a masculinidade foi a rocha sobre a qual a sociedade burguesa construiu boa parte de sua autoimagem, mas a imagem idealizada da masculinidade parece igualmente para a evolução da chamada sexualidade anormal, em grande parte, denominada pela contra-imagem que a fazia representar” (Mosse, 1998, p. 304).

Com a saída das mulheres do espaço privado para o público, como decorrente das duas guerras mundiais, da industrialização e do movimento feminista que ora tentava se firmar, o resultado foi uma verdadeira avalanche de pesquisas, discussões e redefinições de papéis sociais cujo o gênero foi tomado como ponto de partida para a discussão, e herdeiro dos **gender's studies**.

Na medida em que o movimento feminista propunha uma rediscussão acerca dos novos papéis sociais estabelecidos pela norma sexual e moral burguesa, tanto para homens quanto para mulheres, e na medida em que esta discussão passou a ser tomada sob o ponto de

vista feminino, passou-se a ficar mais delimitado e fortalecido a representação da mulher enquanto "ser social".

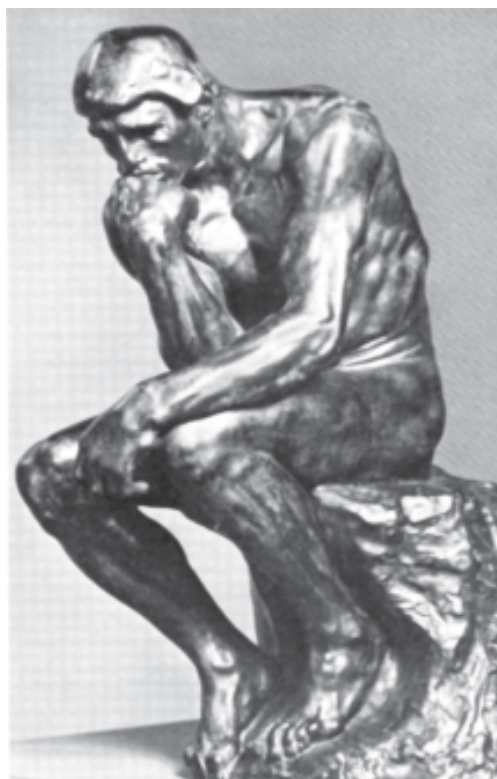
Inaugurava-se, portanto os estudos sobre gênero (*gender's studies*), onde os estudos sobre homens foi um reflexo diretamente decorrido do avanço dado pelas mulheres na conquista de uma cidadania e de seus direitos, na ordem pública e privada, na ordem moral e sexual, e que passaram a propor novamente, uma nova forma de ver o homem, agora, bastante diferente daquela em que os vitorianos apregoavam.

De fato, como decorrente do aparecimento dos estudos de gênero masculino na Europa e Estados Unidos, os homens passariam a reivindicar uma nova qualidade no espaço social, redefinindo a si mesmo, não mais como um "macho" inveterado, onde sua virilidade estaria intocada. O novo homem agora admitia sua fraqueza, sua fragilidade; o corpo já não servia para impor uma condição masculina. A sensibilidade feminina também passaria a fazer parte das novas subjetividades masculinas. A forma de vestir, de falar, de se comportar, já não mais se sustentariam por si só. Até mesmo uma possível **quantidade de feminilidade** já passava a ser admitida pelos homens. Mas nem sempre, esse novo conjunto de características masculinas contemporâneas, conseguiu dizer da verdadeira identidade masculina. Ela não conseguiria descrever a **todos os homens**, promovendo, com isso, a atual crise de identidade masculina.

## Considerações Finais

As nossas identidades (de gênero e sexual) são conflitivas, a medidas que não são passíveis de escolha. Se estas são muito mais uma consequência direta dos reforços dados pelo processo de socialização, bem como os conflitos se tornam mais evidentes quando não sabemos mais nos descrever face às nossas escolhas afetivas e sexuais (independente do sexo biológico que tenhamos), a discussão, e a recente produção em torno da mencionada crise da masculinidade, faz apenas aumentar

essa "torre de babel" em que muitos homens hoje se encontram. Há de se procurar uma saída, talvez aquela em que promova menos conflitos identitários, e que não corrobore com uma masculinidade hegemônica.



Se a própria história mostra a pluralidade das descrições identitárias para o homem vitoriano, o mesmo não poderia ser diferente para o homem contemporâneo.

Com a diversidade de culturas, crenças e a pluralidade de identidades psicológicas, sociais, de gênero e sexuais na contemporaneidade, é simplesmente impossível conceber uma hegemonia frente às nossas identidades, porque elas não são fixas, imutáveis, pelo contrário, elas estão constantemente sofrendo mudanças, e a cada década, podemos perceber que cada vez mais a cultura, os modos de vida, de se comportar, de ser e de estar, vão se alterando, adequando-se às exigências do próprio tempo.

Há de se pensar para que serve o recurso histórico, quando a ele recorremos no estudo

*cordam quanto ao ideário machista e masculinista nordestino, construído sobre a égide do patriarcalismo e suas concepções acerca do sentido de "ser homem" nos dias atuais. Retomando o pensamento de Badinter (1993) "se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar. No século XVIII, um homem digno deste nome podia chorar em público e ter vertigens; no final do século XIX, não o pode mais, sob pena de comprometer sua dignidade masculina. O que se construiu pode, portanto, ser demolido para ser novamente construído" (p. 29), sobretudo após o culto da masculinidade.*

13. Veja nota nº 05.

da nossa sexualidade, das relações sexuais e de gênero? Serve para mostrar a diversidade/pluralidade de identidades, por exemplo, masculinas, ao longo da própria história, e aprender com estas experiências anteriores para que não se cometa os mesmos erros no futuro. Também há de se pensar que enquanto não nos libertarmos de conceitos tautológicos e reducionistas, como identidades de gênero (masculinidade e feminilidade) ou identidades sexuais (heterossexualidade, bissexualidade, homossexualidade), ou seja, enquanto não aprendermos a respeitar as nossas singularidades, construídas através da diversidade histórica, social e cultural em que vivemos, enquanto não nos respeitarmos enquanto sujeitos, não conseguiremos respeitar também

nossas construções singulares e identitárias, indiferente se sejamos homens ou mulheres, independente das nossas particularidades anatômicas, independente dos nossos desejos afetivos e sexuais, independente, até mesmo, do papel social que exercemos no nosso dia a dia.

Talvez, essa seja uma saída mais justa, mais ética, mais humana, para não infringirmos no indivíduo, qualquer espécie de sofrimento psíquico ou àqueles que ousaram ir contra às regras impostas pela cultura e pelos processos de socialização, aprendidos ao longo do tempo. Para não infringirmos sofrimento psíquico aqueles que ousaram questionar os limites de suas prisões identitárias.



**Sergio Gomes da Silva**

Rua Generino Maciel, 197 - Jaguaribe CEP: 58015-700  
João Pessoa-PB Tel.: 83-981-8865.  
e-mail: sergiogsilva@uol.com.br

Recebido em 20/04/99 Aprovado em 02/10/99

Almeida, M. V. (1995) *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

Almeida, M. I. M. (1996) *Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco.

Badinter, E. (1986) *Um é o Outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

\_\_\_\_\_. (1993) *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Birman, J. (1997) *Se Eu Te amo, Cuide-se. Sobre a Feminilidade, a Mulher e o Erotismo nos Anos 80*. IN BERLINK, Manoel Tosta (org.) (1997) *Histeria*. São Paulo: Escuta. Pp. 89-132.

Ceccarelli, P. R. (1997) *A Construção da Masculinidade* IN *Percurso: Revista de Psicanálise*. Ano X, nº 19, 2º semestre de 1997, pp. 49-56.

Costa, J.F. (1992). *A Inocência e o Vício: Estudos Sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

\_\_\_\_\_. (1995). *A Face e o Verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.

Dorais, M. (1994a) *O Homem Desamparado*. São Paulo: Loyola.

\_\_\_\_\_. (1994b) *O Erotismo Masculino*. São Paulo: Loyola.

Figueiredo, L. C. (1998) *O Sintoma Social no Brasil: Mal-estar e Subjetividade Brasileira*. Trabalho apresentado no Simpósio Internacional "Novos Territórios e Novas Subjetividades", Mestrado de Psicologia Social, UFRS – Simpósio Internacional "Mal-Estar e Subjetividade", Mestrado em Psicologia da UNIFOR, março de 1998 (mimeo).

Foucault, M. (1986) *A História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.

Freud, S. (1905) *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. VII, pp. 117-231.

\_\_\_\_\_. (1907) *Sobre as Teorias Sexuais das Crianças*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. IX, pp. 189-204.

\_\_\_\_\_. (1923) *A Organização Genital Infantil* (uma interpolação na teoria da sexualidade) Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XIX, pp. 177-184.

\_\_\_\_\_. (1924) *A Dissolução do Complexo de Édipo*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XIX, pp. 215-224.

\_\_\_\_\_. (1925) *Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XIX, pp. 301-320.

\_\_\_\_\_. (1931) *Sexualidade Feminina*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XXII, pp. 230-275.

\_\_\_\_\_. (1930-[1929]) *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XXI, pp. 75-171.

\_\_\_\_\_. (1933[1932]) *Novas Conferência Introdutórias Sobre Psicanálise – Conferência XXXIII - Feminilidade*. Rio de Janeiro: Imago. Ed. Standart Brasileira, Obras Completas, vol. XXII, pp. 139-165.

Gay, P. (1995) *O Cultivo do Ódio: a experiência da burguesia da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia das Letras.

Louro, G. L. (1997) *Cênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.

Mosse, G. L. (1998) *Masculinidade e Decadência* IN PORTER, Roy & Teich, Mikulás (orgs.) *Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a história das atitudes em Relação à Sexualidade*. São Paulo: UNESP/Cambridge University Press.

Nolasco, S. (1993). *Masculinidade: Reflexões Contemporâneas* IN *Reflexões Líricas, Vozes/Cultura*, nº 05, set-out, ano 87, v. 87, pp. 71-80.

\_\_\_\_\_. (org.) (1995a) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco.

\_\_\_\_\_. (1995b). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

Parker, R. G. (1991). *Corpos, Prazeres e Paixões: a Cultura Sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller/Abril Cultural.

Rolnick, S. & Guattari, F. (1996) *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes.

Showalter, E. (1993) *Anarquia Sexual: Sexo e Cultura no fim de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco.

Spencer, C. (1996) *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record.

Veloso, M. A. (1996). *Seja Homem!* IN *Caderno do CENAP - Tecendo Ideias*. Nº 02, novembro de 1996, Recife-PE, pp. 08-22.

Referências  
bibliográficas